

**Autores | Authors**

**LEONICE DE ANDRADE CARVALHO\***  
leonice.carvalho@ifgoiano.edu.br

**WALTER MANUEL ALVES RODRIGUES\*\***  
waltermanuel23@outlook.com

**GABRIELA STÉFANI DUARTE\*\*\***  
gabiorz@hotmail.com

**A representação da violência e da crueldade na  
produção literária para jovens leitores*****The depiction of violence and cruelty in literary  
production for young readers***

**Resumo:** É a literatura um direito, como afirma Antonio Candido (1995)? A arte, em especial a literatura, pode ser o caminho para si mesmo, para a percepção das nossas angústias e aflições, ou seja, o meio mais curto para aventurar-se a decifrar o mundo. É essa a proposta da literatura na formação de jovens leitores, não só no que reúne em conhecimento, mas também, fundamentalmente, como meio real de acessar a vida. Por isso, propomos o estudo e a análise de narrativas literárias que tematizam a violência e a crueldade e que são comumente lidas nas aulas de literatura do Ensino Médio. A partir daí, investigamos a maneira como são feitas essas leituras e como se dá a recepção desses textos entre os jovens alunos de Ensino Médio de escola pública. Como a leitura e a literatura podem redirecionar as percepções de jovens leitores diante do cotidiano e da vida?

**Palavras-chave:** Leitura, Literatura, Jovens leitores, Violência, Crueldade.

**Abstract:** *Is literature a right, as stated by Antonio Candido (1995)? Art, especially literature, can be the way for oneself, to the perception of our anxieties and afflictions, that is, the shortest means to venture to decipher the world. This is literature's proposal in the formation of young readers, not only in what it brings together knowledge, but also, fundamentally, as a real way of accessing life. Therefore, we propose the study and analysis of literary narratives that theme violence and cruelty and are commonly read in high school literature classes. From this point, investigate the way this readings are made and how it is received among public school young high school students. How can reading and literature redirect the perceptions of young readers in the face of daily life?*

**Keywords:** *Reading, Literature, Young readers, Violence, Cruelty.*

**INTRODUÇÃO**

Um das maiores preocupações dos jovens, principalmente os que estão concluindo o Ensino Médio, é como ingressar no mercado de trabalho e garantir um bom emprego, nesse sentido, nas escolas, há disciplinas mais e menos valorizadas. A literatura, assim como outras artes, além de contribuir na formação acadêmica, também é meio para que o indivíduo se encontre, contextualize e reflita sobre a sociedade em que está inserido. Diante disso, este artigo procura tecer reflexões que possam ser importantes acerca das leituras de contos que retratam a violência e a crueldade e como se dá a recepção desses textos entre jovens alunos de Ensino Médio de escolas públicas, em questão os Institutos Federais. Jovens estes que, muitas vezes, não compreendem o importante papel da literatura como instrumento formador e desfetichizador<sup>1</sup>, já que estão sob influência de um sistema econômico que aliena

Aceito em: 30/05/2018  
Recebido em: 07/09/2017

1 A palavra "Desfetichizador" aqui é utilizada no sentido de desmascarar a realidade cotidiana, quase sempre inviabilizada pelos interesses capitais. A Literatura é instrumento de percepção da realidade.

e estranha o indivíduo por meio do trabalho e da necessidade de produzir sempre mais, este, não raro, é o mote principal da educação técnica no Brasil.

Uma questão que se coloca constantemente nas salas de aula de literatura, em especial quando se fala para alunos de Ensino Médio integrado a cursos técnicos, é como ensinar literatura para alunos que não compreendem bem o porquê é necessário estudar literatura, já que a entendem como a “perfumaria” do conhecimento, algo irrelevante diante do conhecimento necessário para acessar o mundo, tanto o mundo do cotidiano, ainda mais o mundo do trabalho, voltando para uma perspectiva tecnicista de educação. O professor de literatura, comumente, escuta, em sala de aula, comentários depreciativos sobre o ato de ler, como sendo chato e enfadonho, além de desnecessário para a vida prática, ou seja, para o mundo do trabalho<sup>2</sup>. Por essa razão, reflexões anteriores a essa são tão importantes, como as de ZILBERMAN e SILVA (2000, p. 20) :

Uma discussão teórica vale a pena a partir de uma possibilidade prática. Assim, nos apoiamos em uma pedagogia da leitura que a partir de sua dualidade teoria e prática, considerando as descobertas já alcançadas pelas ciências da linguagem e a realidade, necessidades e história da sociedade brasileira diante das demandas de leitura em crise entre os adolescentes, em especial de nossas escolas públicas.

Ainda assim, “diante das demandas de leitura em crise”, a literatura é um direito imprescindível, é preciso dizer, como coloca Candido (1995, p.175) em seu importante artigo sobre a O direito à literatura, onde defende que:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso, é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. [...]

A partir dessas constatações, estamos diante de um dilema: como trazer a literatura para o espaço da sala de aula de Ensino Médio de uma forma a compre-

2 Esse relato foi feito por vários professores que ministram a disciplina que, de maneira livre e espontânea, relataram ouvir esses comentários dos alunos em sala de aula. Em especial, isso acontece em cursos técnicos, quando, normalmente, a área comum (disciplina do ensino médio) e a área técnica (disciplinas técnicas) são ministradas de maneira desarticuladas e com uma proposta exclusivamente tecnicista.

endê-la em sua universalidade e em sua centralidade na vida humana? Independente da condição profissional que cada um poderá ocupar, além de ser uma possibilidade importante para driblar a tendência tecnicista muito presente nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, modalidade de educação destinada, essencialmente, aos filhos da classe proletária.

A literatura aqui é entendida em sua função formadora, ou seja, em seu caráter humanizador, presente na história, num momento dado, a partir de seu caráter de produto contingente, mergulhado na história. É a partir dessa concepção contextual e histórica que a obra literária se aproxima do mundo em que vivemos, buscando sempre “Reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana” (CANDIDO, 2002, p.81).

As produções literárias e o ato de ler, bem como a formação de jovens leitores, devem atender a aspectos mais amplos do que escrita e decifração de letras, palavras, etc. Batista de Lima (1998, p.19) em *Do Sabor do Texto ao Prazer da Leitura*, descreve como a leitura deve interagir com o leitor:

[...] O texto precisa unir autor e leitor tão bem integrados que os dois se confundam e se tornem elemento único no contexto. Que os dois façam do texto, um teto para uma coabitação harmônica. Que os dois continuem a construção do te(x)to, pois a vida do te(x)to é a sua construção. O te(x)to nunca está acabado. O que o eterniza é a sua leitura. [...]

Assim, a utilização de obras “chaves” no ensino médio é a primeira providência na tentativa de estabelecer o ato de ler, dedicar-se à leitura sem mistificação, valorizando o texto literário assim como se valoriza a história da literatura, aproximando o aluno do contato com o texto e com o caráter acintoso e sedutor da literatura na promoção do conhecimento aprofundado da vida humana e do mundo. Talvez, temas que abordem de forma ampla problemas sociais presentes no cotidiano, possam chamar atenção daqueles que ainda entendem a literatura e outras formas artísticas como espaço da utopia e da ficção erudita. E então, diante do ato de ler como provocação, a leitura do texto literário, incluindo seu aspecto estético, poderá ser acessada por alunos inseridos em uma formação técnica que valoriza o ato de ler e a posse do texto não só na experiência do prazer, mas na concretização de características importantes para a formação do sujeito cidadão – a criticidade.

É nesse contexto que a temática da violência desponta ao longo da história cultural, social e política do

Brasil, desde seu descobrimento até os dias atuais. A temática da violência foi e ainda é tema trabalhado em diversas vertentes artísticas, como forma de denúncia e alarme das mazelas sociais.

[...] Tânia Pellegrini (2005), ao refletir sobre as vozes da violência na cultura brasileira, destaca que a violência é uma prática constitutiva da cultura brasileira e que as obras artísticas, independentemente de sua natureza, abordam a violência “como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial.” (apud PORTO, 2013, p. 134).

A escolha de investigar a temática da violência e da crueldade para realização deste trabalho busca fugir um pouco da banalização que se encontra a leitura nas práticas cotidianas, quando o leitor na escola compreende o texto de maneira superficial e rápida, sem muitas reflexões e buscando objetivos práticos na leitura, ou seja, estabelecendo metas como “ser alguém na vida”, arrumar um emprego, passar no vestibular e outras questões que os afetam diretamente.

Essa proposta pretende refletir sobre como a leitura em sala de aula, em especial, nas aulas de literatura e, principalmente, nas leituras de narrativas literárias com temáticas voltadas para violência e a crueldade pode mobilizar leitores acostumados a uma prática transitiva de leitura, ou seja, a leitura conduzida por ações práticas; buscando a que reivindica a sua intransitividade, quer dizer, a leitura como simples provocação, como proposta acintosa de reflexões sobre o sujeito e o mundo que ocupa. Para tanto, no intuito de unir teoria e prática na investigação do que representa o ato de ler para jovens leitores, foi possível perceber, na prática, como jovens leitores encaram suas leituras. Por prazer ou por obrigação, o desafio está em ler e, para isso, evocamos a escrita literária de Rubem Fonseca, talvez o escritor brasileiro que mais explicitamente tenha explorado a temática da violência e da crueldade.

Ainda, importante compreender o que significa o ato de ler para o sujeito que se insere no mundo e como a prática da leitura pode representar avanços consideráveis na humanização do homem. Assim, como fazê-la de maneira plena e consciente de sua condição indispensável para vida humana, em especial, para sujeitos jovens buscando construir-se nas experiências, como a leitura, oferecidas pela escola. Para Antonio Candido, em *O direito à Literatura*, a narrativa literária é a “manifestação universal de todos os homens”, pressuposto indispensável para lutar pelos direitos humanos de maneira a se

configurar como indispensável para todos que desejam a experiência de equidade. É, dessa forma, que a literatura propõe-se a ser objeto de conhecimento, em seu “caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 1995, p.177).

De posse desse objeto imprescindível a “humanizar o homem” e considerando a escola como espaço fundamental para disseminação dessas perspectivas, é que o acesso a esses objetos se colocam como componente democratizante e como forma de poder, fazendo-nos pensar em algumas atitudes que leva à superação da crise no âmbito da leitura:

1. Primeiramente, valorizar e estimular a leitura como uma ação intransitiva – desligada de qualquer interesse capital e prático da vida. Ler por ler.... Mais que a busca do prazer, o alcance do desprazer.
2. Buscar a totalidade e as conexões entre o leitor e o objeto de sua leitura. Estimular a interação que leve a liberdade e autonomia como experiência de ler, refletir e formular conhecimento.
3. Leitura como ato político. Ação capaz de redimensionar percepções, religar o sujeito a suas experiências, de maneira a driblar a alienação e educar para a criticidade e a democracia.
4. Resgate da dimensão estética da obra literária na tarefa de descortinar a realidade cotidiana por meio do viés ficcional.
5. A formação do professor leitor. Aquele que assume uma postura interdisciplinar na promoção de articulações entre vários conhecimentos e também de suas contradições. Uma postura dialética, que permita entender metodologias em educação e práticas capazes de implementar a ação da leitura em sua centralidade em sala de aula.

A prática da leitura em sua efetividade, aqui construída na escola e por meio da narrativa literária, é capaz de direcionar o jovem leitor:

Ao conhecimento diferenciado, aquele que permite ao leitor reconhecer sua identidade, seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive, e sobretudo a compreensão, assimilação e questionamento seja da própria escrita, seja do real que a própria escrita se inscreve. (apud SOARES, 1982, p.23).

## A EXPERIÊNCIA DA LEITURA

Dentre tantas possibilidades que a leitura nos permite, importante pensar na sua concepção política. Esse é um horizonte que aponta para um compromisso com a participação, a representação e a capacidade de entendimento de si mesmo e do mundo, quando a leitura, mais do que acessar respostas, seja capaz de impor ainda mais questões. No entanto, que desperte o sujeito para a ação de se construir por meio das respostas, soluções e caminhos que vão se tornando possíveis nessa trajetória de não só existir, mas de interferir no mundo que ajuda a construir. Talvez, a crise de leitura que se vive hoje possa ser um sintoma da sociedade que perdeu a capacidade crítica de perceber o texto narrativo como viés de acinte e provocação. E, por acreditar em um mundo de leitores ideais e possíveis é que, mesmo em meio à superficialidade e ao pragmatismo com que se trata a ação de ler, há entendimentos e ações que apontam para práticas de leituras que amplificam a noção de mundo de jovens leitores, que, mesmo estimulados e educados em uma prática de desestímulo à leitura produtiva, podem reorientar suas experiências de leitura.

Para tanto, na tarefa de percorrer os caminhos de jovens leitores, por meio de reflexões a cerca da prática da leitura, importante se faz compreender os caminhos que vão desde a pré-leitura, como a escolha dos textos que serão lidos, até a pós-leitura, o momento de pensar a interpretação do texto e relacioná-lo com as experiências vividas. A fim de perceber como se dá a representação da violência e da crueldade, os textos escolhidos foram os contos *Passeio noturno I e II* de Rubem Fonseca. São narrativas consideradas “fortes” e com alto teor de violência, essa nem sempre explícita e física, mas, na maioria das vezes, simbólica e diluída em práticas sociais aceitáveis, no entanto, extremamente cruéis.

Internalizada na obra literária, ou seja, por meio de seu caráter estético, a vida social aparece em forma de ficção e a literatura viabiliza, por meio da mediação artística, vislumbrar aspectos da vida humana que na vida cotidiana não estão disponíveis. É dessa maneira que se coloca como fundamental para os processos de aprendizagem que a prática de leitura seja não só eficiente, mas frequente para jovens leitores comprometidos com a formação autônoma e crítica. É esse compromisso com a efetiva leitura que potencializa jovens estudantes a se tornarem leitores “bons entendedores”. Sendo esse o objetivo dessa pesquisa, que agora se coloca em relatos, refletir em que medida e de que maneira jovens leitores de escolas públicas chegam a essa percepção das contradições existentes em uma realidade

capitalista como a nossa. Para tanto, nos colocamos diante da violência, como elemento muito presente na sociedade contemporânea, mas, ao mesmo tempo, banalizado e naturalizado diante de uma realidade mercadológica.

Com o objetivo de que cada aluno pudesse se avaliar na atividade de leitura é que aplicamos um primeiro questionário, que teve como propósito refletir sobre a atividade de cada aluno no campo da leitura, levantando informações sobre de que maneira os alunos se auto avaliam no que se refere a sua capacidade de leitura e sua proximidade ou não com o texto literário e com o ato de ler<sup>3</sup>.

As experiências de leituras dirigidas começaram com turmas de primeiro ano do ensino médio do Curso Técnico em Biotecnologia. As leituras propostas são os contos de Rubem Fonseca, *Passeio Noturno I e II*. As anotações que fazemos neste artigo tem como objetivo traçar um caminho reflexivo que possa levar a uma proposta que permita otimizar práticas de leituras. Logo no comentário que antecede a leitura, na apresentação do autor e a sua principal temática, já foi possível notar a curiosidade e o interesse dos alunos pelos textos propostos. Talvez, esses relatos possam auxiliar no desenvolvimento de práticas que favoreçam a formação de leitores ideias.

Nesse contexto, mostraram-se importantes as discussões que levam em conta os hábitos de leitura e as influências recebidas por esses jovens no momento de se formarem como leitores. Quase todos os alunos consideraram não serem leitores assíduos, apenas um aluno relatou usar ler tudo o que chega a suas mãos, apenas dois alunos disseram ler livros e possuí-los e os demais alunos declararam ler apenas mensagens de celulares. A grande maioria dos alunos declarou ler textos literários apenas quando trazidos na sala de aula, não experimentam literatura em nenhum outro lugar. Ainda assim, quando mantida a discussão sobre hábitos de leitura e o aprofundamento do leitor, os alunos declararam possuir um excelente desempenho como leitores e lerem o necessário para o que precisam. Nesse ponto, é preciso repensar quais os sentidos que o ato de ler assume em tempos de valorização do conhecimento, de acesso à tecnologia, mesmo que restrito, enfim, di-

3 Mais uma vez, faz-se importante esclarecer que o instrumento questionário, referido no texto, foi a forma mais prática de acessarmos o que os alunos produziram após as leituras que fizeram, deixando os relatos em forma de registro. Metodologia que complementou os comentários orais, debates e questionamentos feitos nas sessões de leitura em grupo que promovemos em sala de aula. No momento que percebemos que apenas de maneira oral ficaria difícil de refletirmos sobre as impressões de leituras dos alunos. Ainda assim, os comentários dos alunos nos questionamentos feitos são colocados, neste trabalho, de maneira livre e apenas para referenciar as observações feitas por eles, de maneira conceitual e qualitativa.

ante de novas maneiras de interação interpessoal, de lidar com a informação e com as formas se comunicar.

Os significados que tem o ato de ler aparecem mesmo no plural, de forma a compreender que ler o que a vida prática e cotidiana solicita é, realmente, um propósito real e relevante frente às demandas que se colocam na contemporaneidade. É o que de mais imediato requer do sujeito que se coloca no mundo e que quer dele fazer parte. No entanto, o ato de ler vai além desse imediatismo, acintosamente, provocando o sujeito a acessar o que há de indisponível na vida cotidiana. Esse mesmo mundo que exige que o leitor leia mensagens de celular, também propõe uma existência de aflições e angústias que também precisam ser aplacadas. Então, a arte, em especial a literatura, configura-se como saída para muitos questionamentos que impõem a existência, fazendo com que a o ato de ler seja ampliado, da mais necessária leitura feita no universo virtual até a leitura “aprofundada” da literatura, alimento imprescindível para vida humana. Assim, os professores tem um papel importante na formação de jovens capazes de ler textos de todas as naturezas e propósitos. O professor de literatura precisa estar ciente das possibilidades que concentra na ampliação do gosto pela leitura, oferecendo o texto como uma proposta possível de leitura, como princípio de inteligência do homem e do mundo, como um objeto de sua existência possível de ser acessado e compreendido. Por isso, a aula de literatura deve estar centrada em quê? No texto.

Sendo o texto o objeto central das aulas de literatura, *Passeio Noturno I e II* são contos lidos pela crítica literária como representativos de uma literatura que tematiza a violência e a crueldade e, ao tratar disso em sala de aula, traz a tona reflexões importantes sobre a violação física como a usurpação simbólica do sujeito. Durante a leitura, os alunos demonstraram interesse pelo texto, mas ainda muitos relataram não conseguirem se concentrar da forma como desejavam, assim como sentiram dificuldade com o vocabulário e que isso contribuiu muito para dispersar a concentração. Observaram também que o clímax foi responsável pelo resgate da atenção, mas que isso acabou deflagrando uma leitura “em partes”, impossibilitando o acesso à totalidade do texto. Os alunos, perguntados sobre como a violência aparece no texto e como se configuram os atos de crueldade, declararam que o ato de matar, tanto no texto I quanto no texto II, são as maiores manifestações de violência. Mesmo não sendo de iniciativa dos alunos leitores perceberem a violência da maneira simbólica, como ela aparece, essa percepção pode acontecer pela mediação do professor, que pode alcançá-la por meio da releitura, da seleção de trechos, da compa-

ração com a realidade cotidiana e da intertextualidade com textos filosóficos, literários e não literários.

Embora os alunos não tenham comentado sobre as relações familiares um tanto deturpadas pelos interesses capitais, o fato da violência ser o meio do narrador “desestressar” suas tensões, a indiferença com que os jovens lidam com os problemas familiares, a luta de classes, a sociedade hipócrita, todas essas confluências são legítimas e propostas pela leitura. Ainda assim, os alunos citaram a maneira fria e cruel com que o narrador executa suas vítimas, sem motivos aparentes, além do interesse da mulher do narrador em seus bens materiais, o relacionamento extraconjugal e a relação pouco afetiva com os filhos. Como tudo isso se agrupa para uma percepção totalizadora da sociedade é tarefa do professor, que se coloca como parte da leitura, propondo autonomia, mas, acima de tudo, viabilizando o conhecimento e, mais ainda, pela valorização do ato de ler na conquista da inteligência do homem e do mundo.

Além disso, é mesmo tarefa do professor promover a narrativa literária como uma ação política diante da vida, mas, muito mais, ressaltando que isso se dá por um viés estético, artístico, uma forma privilegiada de pensar a realidade a partir de sua possibilidade desfeticizante, sendo que a temática e a vida social são capazes de serem percebidas por meio dessa forma estética. Por ser representação, talvez, esses jovens leitores não consigam acessar com profundidade a proposta literária feita e, por isso, o professor pode traçar estratégias de leituras que vão da escolha dos textos lidos ao gênero literário adequado, da diversidade de autores existentes a leitura em voz alta feita em sala de aula, da explicação da linguagem a evidência da metáfora, entre tantas estratégias de leituras que podem ser usadas de maneira a promover e formar jovens leitores para leitura literária na escola. Ademais, acompanhar a leitura feita em etapas, ou seja, uma pré-leitura elucidativa, a leitura e a pós-leitura como forma de ampliar o entendimento.

Com essa preocupação, em promover leitura em sala de aula com o máximo de eficiência e de maneira a acompanhar o desempenho dos alunos, os mesmos contos, *Passeio noturno I e II* de Rubem Fonseca, foram lidos pelos alunos do mesmo curso Técnico em Biotecnologia, mas a turma do 3º ano integrado ao Ensino Médio. Há também um propósito comparativo, já que se trata de jovens leitores que estão começando a sua formação no Ensino Médio e outro grupo que finaliza essa etapa. Nessas novas experiências de leitura no 3º ano foram propostos os mesmos contos, *Passeio noturno I e II*, e um conto de maior fôlego *O cobrador*.

Na etapa de pré-leitura, os alunos foram perguntados sobre a frequência com que liam no 1º ano do

ensino médio, quando entraram na escola, e naquele momento no 3º ano do ensino médio. A maioria dos alunos respondeu que leem com muito mais frequência que liam antes, que se sentem mais seguros no contato com a literatura, nos textos trazidos por outras disciplinas ou acessados nas redes virtuais; também leem com mais facilidade, além de escolherem melhor o que leem. Ainda assim, esses jovens leitores consideraram pequena e ineficiente a leitura de textos mais longos, declararam que se sentem impotentes e admitiram certo fracasso nas atividades de leitura que exigem maior interpretação e, em especial, concentração. Ainda assim, paradoxalmente, mais de cinquenta por cento dos alunos, quando indagados sobre a facilidade que encontram nas atividades de leitura, disseram ser “excelentes” leitores.

Na etapa de leitura, se há recorrência nas leituras de textos do mesmo autor, chega a um ponto que os alunos se encontram com autonomia suficiente para leituras em casa e sozinhos em sala de aula, é o que acontece com um trabalho mais alongado com contos machadianos ou, como nesta experiência, os contos de Rubem Fonseca. Isso porque a linguagem vai se tornando familiar, com sintaxe e vocábulos que vão se desvendando e se incorporando ao repertório do leitor. Mas, comumente, dada as dificuldades de uma leitura corrente, com uma sintaxe elaborada, vocabulário de época, performances narrativas, geralmente as leituras começam em sala de aula e, muitas vezes, feitas pelo próprio professor, em voz alta, para que o aluno perceba a cadência e o ritmo seguido pela narrativa. Muitas vezes, independente se 1º ou 3º anos, priorizando a qualidade da leitura e objetivando chegar a patamares de bom entendimento dos textos, a leitura coletiva surte mais resultados, lembrando que ela pode ser repetida mais de uma vez e pausada, dada as dúvidas e a necessidade de comentários pertinentes no decorrer que o texto vai se revelando ao leitor. Esse é um momento propício para o acesso a novos vocábulos, para o entendimento de metáforas e de sintaxes com significados relevantes para o entendimento da obra e para associar o que a obra traz a experiências da vida cotidiana, valorizando assim o que o leitor traz para a leitura que faz.

Outra questão que chama a atenção é a sensação dos alunos que declaram ler mais e melhor. Ao mesmo tempo, dizem encontrar grandes dificuldades na leitura, ou seja, na capacidade de entender textos maiores, literários e que tratam temáticas relacionadas ao que eles mesmos definem como assuntos “mais filosóficos”. Então, parece não estar claro para os próprios leitores o que é, efetivamente, ser um bom leitor.

Ainda assim, foi no conto *O cobrador* que os alu-

nos conseguiram perceber com clareza a presença de violências que vão além da degradação física, mas compreenderam que desigualdade social e a soberania de classe se configuram como violências das mais cruéis. Foi também na leitura desse conto que os alunos perceberam mais facilidade de entender e compreender tanto as estratégias narrativas usadas pelo autor, assim como a vida social que se incorpora no veio estético.

Ainda é preciso ressaltar que se esperava, por meio da leitura feita, que ela suscitasse e se relacionasse a outros conhecimentos, inclusive propostos por outras disciplinas, em uma dinâmica interdisciplinar muito desejada como estratégia pedagógica para alcançar a aprendizagem de fato. Isso aconteceu várias vezes durante a pós-leitura, quando os alunos participaram efetivamente das discussões em busca de entendimento e significados para o texto, já que a leitura coletiva e em voz alta assegurou essa participação. Isso se verifica no seguinte comentário feito por um jovem leitor no momento da pós-leitura, quando se propôs uma reflexão sobre a existência de violência simbólica e a influência do pensamento marxista no conto, em relação, principalmente, à suposta luta de classes:

Diante do capitalismo e da sociedade marxista o homem é visto como figura autoritária e identificada pela mão de obra no mercado de trabalho. Já a mulher ainda é subordinada aos desígnios e comandos dos homens. Assim, a violência simbólica está presente na diferença de reconhecimento entre o homem e a mulher, e o ódio devido a disputa de alimentos entre os pobres e os ricos. Enquanto os ricos compram carne de primeira “civilizada” no açougue os proletários a disputam entre si. Marcando aí a luta de classes.

Na leitura dos contos *Passeio Noturno I e II* na turma do 3º ano, os resultados alcançados quanto à interpretação, análise e a crítica apresentaram desempenho positivo tanto no debate oral sobre o texto, assim como na realização das atividades propostas. A maioria dos alunos levantou pontos importantes a partir da leitura dos contos, como a quebra de estereótipo do modelo perfeito de família patriarcal, a dominação das relações pessoais pelo capital, a luta e a distinção de classe na superioridade dos bens materiais. Boa parte dos alunos citou tanto a violência explicitamente presente na morte de alguns personagens, assim como a violência simbólica presente no conflito conjugal, na relação sujeito e objeto, na reificação do indivíduo e em outras atrocidades e crueldades que são narradas no conto.

É assim que considerar experiências de leituras na prática de jovens se formando leitores e dar valor a reflexões a cerca da formação do hábito de ler permitem

trazer aos envolvidos no processo de ensinar e aprender perceber a frequência com que jovens leitores leem, na chegada e na saída do Ensino Médio de uma Escola Pública. Isso possibilitou também conhecer os caminhos trilhados por cada jovem na ação de leiturização e de conhecer um pouco mais como cada aluno se percebe na conquista de se tornar um sujeito letrado e no que esse letramento é capaz de possibilitar a ele, em especial, no processo de se humanizar. Nos comentários feitos pelos alunos, quando perguntados sobre a importância da leitura nas suas vidas, eles responderam que a leitura, bem como a literatura, não possui em si uma ação humanizadora e sim representa um instrumento de formação para o mercado de trabalho. Para a maioria, melhorar o desempenho escolar, a escrita, bem como o vocabulário, são os maiores benefícios e funções da leitura e isso serve quase que exclusivamente para “arrumar um emprego”.

Quando o professor reconhece o direito do sujeito em se tornar leitor, consciente da importância desse hábito, é possível trilhar uma proposta de leitura que amplie o horizonte desses jovens leitores, entendendo-os, antes de tudo, como agentes participantes da leitura que fazem, que tem na ação de ler a proposta de conhecer mais do mundo e de si mesmos. É a escola, a sala de aula, o professor ou a professora que motivam essas conquistas, comprometidos com a formação de jovens leitores em textos que fazem a diferença por toda a vida – as narrativas literárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, ao se tratar de leitura é preciso pensar em um ato que está estreitamente relacionado com uma concepção política diante da vida humana. É preciso vislumbrar um compromisso que vai muito além de apontar respostas ou direcionar caminhos, mas que, antes de tudo, provoque questionamentos, inquietações e, acima de tudo, problematize a própria realidade vivida e o que se quer viver. É essa uma leitura que desestabiliza o leitor de sua condição confortável diante da alienação implantada por um sistema de dominação que não só indisponibiliza a realidade humana como estreita sobremaneira os horizontes que busca vislumbrar. Ou seja, a leitura como fenômeno fundamental para o desenvolvimento humano em suas múltiplas capacidades, da vida doméstica à esfera pública.

O texto literário, nesse contexto, apresenta uma perspectiva estética e ética, ou seja, há todo um mecanismo de composição do texto que extravasa o ato criativo e que possibilita uma crítica da existência em curso. A Literatura ainda é uma área articuladora de aspectos

diversos do conhecimento, o que leva a humanização pela arte e, ao mesmo tempo, à percepção da realidade a partir de um compromisso ético que se mostra capaz de revolucionar as maneiras e trajetórias de vidas. O que se espera da leitura efetiva de um texto literário é que se possa desenvolver competências discursivas do leitor, desenvolver eficientemente a capacidade escrita de quem lê bem, criar condições de socializar-se e aprender mais, acesso à arte e à cultura e valorizar os mecanismos de conscientização sobre a vida presentes nos textos propostos para leitura. E para que tudo isso aconteça, a escola é peça fundamental de promoção de letramento e de desenvolvimento do leitor, compromisso não só com a ação mecânica de ler, mas com a capacidade de escrita, de crítica e, acima de tudo, de permitir e propiciar todos os outros conhecimentos que permitam ao indivíduo se tornarem sujeitos de suas próprias vidas.

Quando se pensa no ato de ler um texto literário, é preciso promover acesso à Literatura, não só ao objeto livro, mas ao entendimento do texto. É preciso pensar nas questões em torno do gosto literário e dar condições adequadas à análise e à interpretação, ou seja, aceitar o desafio do texto, enfrentá-lo para desvendá-lo. A formação de jovens leitores de textos literários, entre eles os que representam violência e crueldade, faz parte de um compromisso maior que “ser alguém na vida”, mas de acessar a vida de forma humanizada. É por isso que fica a questão: sem a consolidação da leitura como atividade efetiva na vida humana, por quais caminhos andam o conhecimento?

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. O direito a Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- \_\_\_\_\_. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção: seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas**. São Paulo: Duas cidades. Ed. 34. 2002. (Coleção espírito Crítico).
- FONSECA, R. **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 53-70.
- GINZBURG, Jaime. **Roteiro para o estudo das relações entre literatura e violência no Brasil**. Disponível em: <http://fflch.usp.br/files/literatura/pdf>. Acesso em mês 10/2017.
- LIMA, Batista de. Do sabor do texto ao prazer da leitura. **Revista de Letras da UFC**. Nº 20. Vol. 1/2- Jan/Dez. 1998. p. 19.

PORTO, L. T. **Simpósio: cultura brasileira, literatura e violência: a ficção brasileira contemporânea**. Disponível em: < <http://www.unisc.br/site/tecendo-conexoes/archives/simposios/27set/2e.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. Edição. São Paulo: Ática, 2000. (Série fundamentos).

ZILBERMAN, Regina; DA SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs). Leitura: por que a interdisciplinaridade. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. Edição. São Paulo: Ática, 2000. (Série fundamentos).

## CURRÍCULOS

\* Doutora em Teoria literária e práticas sociais pela Universidade de Brasília (UNB), mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atualmente, é professora do Instituto Federal Goiano - *Campus Urutaí*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, atuando, principalmente, no ensino de Língua Portuguesa para cursos de graduação e para ensino médio. Com experiência em pesquisas relacionadas à Literatura e Formação de leitores. Coordenadora do Grupo de Pesquisa LITERANDO: COMPREENSÃO LEITORA.

\*\* Cursando ensino médio integrado ao curso técnico de Biotecnologia no Instituto Federal Goiano - *Campus Urutaí*.

\*\*\* Cursando ensino médio integrado ao curso técnico de Biotecnologia no Instituto Federal Goiano - *Campus Urutaí*.